



Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior
SCS Quadra 07 Bloco "A" Sala 526 - Ed. Torre do Pátio Brasil Shopping
70.307-901 - Brasília/DF
Tel.: (61) 3322-3252 Fax: (61) 3224-4933
abmes@abmes.org.br www.abmes.org.br www.abmeseduca.com

SEMINÁRIO ABMES

Brasília, 2 de julho de 2013

Análise da crise mundial e da crise brasileira: que mundo é esse em que estamos vivendo e para onde é que a realidade está nos levando?

UM MUNDO EM CRISE

Domingo Hernández Peña

Não conheço ninguém que atualmente não fale da crise, não se preocupe com a crise, e não se sinta ameaçado pela crise, mais ou menos, de uma forma ou de outra.

Porém, procurei pelo mundo afora alguém que pudesse me explicar, de forma clara e compreensível, as características e o tamanho da tal crise, e não o encontrei até agora. O que encontrei foram respostas confusas e difusas - um medo generalizado, às vezes à economia, às vezes à política, à justiça, à violência, às pessoas, à vida mesma...

Então, preocupado com a imprecisão, e suspeitando que a crise que nos ameaça é completa (uma ruína progressiva de tudo e de todos em toda parte), decidi apoiar-me no meu próprio saber e entender para não continuar perplexo. E cheguei à seguinte conclusão:

O primeiro e melhor computador que já existiu foi obra de Deus, no começo remoto dos começos. Chamava-se Homem. E era tão maravilhoso, que até pensava, sentia e se reproduzia...

Não podia ser um computador qualquer porque Deus queria e necessitava que aquele instrumento de carne e osso fosse o rei da Criação – o continuador do seu próprio poder e saber no desenvolvimento e na melhoria do paraíso animal, do vegetal, e até mesmo do mineral.

E assim foi durante milênios. O Homem, dotado de inteligência e de humanidade, assumiu a sua função percebendo de antemão que o conhecimento podia ser infinito, e que, avançando por esse caminho sem fim, podia parecer-se cada vez mais ao mesmíssimo Criador. Daí a sua prioridade – a tarefa de aprender e de ensinar que o trouxe até as letras, até os números, até as escolas.



ABMES

Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior
SCS Quadra 07 Bloco "A" Sala 526 - Ed. Torre do Pátio Brasil Shopping
70.307-901 - Brasília/DF
Tel.: (61) 3322-3252 Fax: (61) 3224-4933
abmes@abmes.org.br www.abmes.org.br www.abmeseduca.com

Aprendendo e ensinando, a Criação se ampliava e recriava sem parar. O Homem chegou a estar, sim, por cima de tudo, e a ser, sim, o epicentro de tudo.

Para recriar mais e melhor as belezas do paraíso, o Homem desenvolveu a Cultura.

Para aproveitar mais e melhor os bens do paraíso, o Homem desenvolveu a Economia.

Para seguir merecendo a misericórdia divina, incentivando as virtudes e atenuando os pecados, o Homem desenvolveu a Política.

Porém, na sua pretensão de parecer-se a Deus - de ser mais que Deus no planeta Terra - o Homem foi, talvez, longe demais. E, aos poucos, foi perdendo o seu poder, a sua importância, e caindo cada vez mais numa pequenez insignificante. A sua frustração cresceu na mesma medida em que o Ensino abandonou o ideal do conhecimento pleno; em que a Economia preferiu especular em vez de produzir; em que a Cultura colocou a coca-cola no lugar das Pirâmides e das enciclopédias; em que a Política deixou de ser um privilégio dos melhores, para transformar-se numa espécie de contrabando moral dos medíocres...

O Homem, que tinha sido feito a imagem e semelhança de Deus, foi humilhado, perdendo a sua plenitude humana, quando no Ensino lhe negaram o cultivo da inteligência completa e lhe propuseram a miséria da hiperespecialização; quando na Economia foi transformado em simples ferramenta, secundária e prescindível; quando na Cultura não encontrou mais espaço para a beleza e para a criatividade verdadeira; quando na Política descobriu que nada era, mesmo, democrático.

Marginado, hipotecado, sem emprego nem função no seu próprio paraíso, tendo cada vez mais obrigações e menos direitos efetivos, o Homem foi expulso do seu lar, em milhões de casos, pela lei e pelo poder. Sem nada mais que perder, com a família e com os móveis na rua, a crise desabou sobre ele sem remédio aparente.

Sem remédio aparente, digo, porque a crise não era, não, uma simples crise econômica, setorial, territorial ou política. Era, é, uma crise total. Existencial. Uma crise do próprio Homem - do antigo rei da Criação - no mundo todo.

Por isso são tão iguais, ou tão parecidas, as protestas no Norte e no Sul, no Leste e no Oeste. O Homem está se queixando da sua própria criação ao redor da Terra, porque já não participa dela, nem sabe nem pode seguir promovendo o Bem.



Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior
SCS Quadra 07 Bloco "A" Sala 526 - Ed. Torre do Pátio Brasil Shopping
70.307-901 - Brasília/DF
Tel.: (61) 3322-3252 Fax: (61) 3224-4933
abmes@abmes.org.br www.abmes.org.br www.abmeseduca.com

As maiores diferenças entre o desespero dos mais ricos e dos menos ricos não estão nas causas – *na* causa. Estão nos detonantes. Às vezes, o estalo acontece pelos crimes bancários; às vezes pelo preço dos transportes, pela falta de felicidade, pela corrupção, pelos disparos da polícia, ou pela passividade de Alá. As reações mais violentas nem sempre coincidem com a pobreza mais amarga.

Prevalece, porém, a lógica dos excessos: no mundo, a crise que nos ocupa e preocupa atingiu a sua maior evidência quando os bancos emprestaram mais do que podiam e deviam; no Brasil, quando - incrível! - os poderes públicos investiram em estádios mais que em hospitais ou que em escolas...

Acalmar o sofrimento que não para de intensificar-se pode parecer coisa impossível quando, por exemplo, escutamos dizer à senhora Merkel que a crise se remedia, simplesmente, com mais desemprego (menos custo) e com menos investimento; ou quando se comprova uma e outra vez que, na prática, as finanças são mais importantes que as pessoas; ou quando observamos que o mundo está, como nunca antes, em mãos de mandatários incompetentes, muitas vezes ridículos, saídos da mediocridade galopante; ou quando, paralisados, os governos não sabem o que fazer com o clamor das multidões...

Esse desconcerto não é novo, como não é nova a própria Crise do Homem. Em Berlin, quando a proximidade da Guerra já era evidente e a violência proliferava, a população não sabia o que fazer e se dedicou a dançar, daquela forma tão elegante, extravagante e temerária, bebendo champanha até o amanhecer... Em Roma, o Foro Itálico, que inclui o formidável Estádio Olímpico, chamava-se Foro Mussolini e foi construído, não por acaso, entre 1928 e 1938...

Ao longo da sua crise, que já é milenária, o Homem só reagiu para valer quando a sua humilhação - a sua insignificância - se efetivou e generalizou de forma insuportável. Quando, com frequência, a solução já era tardia.

As suas reações parciais ou dilatórias, que também existiram e continuam existindo, só lhe serviram e servem para enganar o medo.

Por isso é conveniente lembrar que até agora o Homem só reagiu de duas maneiras quando reagiu para valer: destruindo tudo, como, por exemplo, nas duas Grandes Guerras (agora estaríamos na terceira...), ou, como no caso do Renascimento, recuperando sem contemplações a condição humana e o conhecimento pleno.



Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior
SCS Quadra 07 Bloco "A" Sala 526 - Ed. Torre do Pátio Brasil Shopping
70.307-901 - Brasília/DF
Tel.: (61) 3322-3252 Fax: (61) 3224-4933
abmes@abmes.org.br www.abmes.org.br www.abmeseduca.com

O que acabo de dizer não é uma impertinência. É uma constatação. Sem a destruição da Alemanha a Europa inteira teria sido destruída. Sem o Renascimento, ainda hoje seríamos escravos da indigência mental.

Que ninguém pense, porém, que posso estar sugerindo a destruição de Brasília. Primeiro, porque Brasília não é Berlin nem Brasil é Iraque. Segundo, porque a crise é tão grande agora mesmo que o remédio só pode ser universal. E destruir por completo o universo seria muito complicado e demorado, e talvez inútil.

Daí a única saída possível e viável: outro Renascimento.

Do que estamos falando não é de uma crise local ou nacional. É de uma crise do mundo, porque é no mundo todo onde há uma crise do Homem, causada pelo que já dissemos e repetimos: nas universidades não se cultiva o conhecimento universal; a Política não é democrática; a Economia não é solidária; a Cultura não é transcendente...

Se o problema - insisto - é assim de grande, de global, a solução também deve ser global. E não pode haver nada mais global que um Renascimento renascido – que o Homem (o computador de Deus) colocado de novo no pedestal que lhe corresponde.

O que acabo de sugerir não seria impossível, nem muito menos, porque, depois de tanto fracasso histórico, um novo Renascimento não seria outra coisa que uma nova Democracia.

No Terceiro Milênio, a Democracia não pode ser, nem deve ser como está sendo, o resultado de uma simples e brutal maioria quantitativa. De alguma forma (e não me perguntem como) a contundência estatística necessita de algum tipo de correção ou de compensação qualitativa.

De não ser assim, o Homem seguirá perdido, cada vez mais, no seu labirinto de sofrimento e decadência.